

Jornalismo e Comunicação Digital: plataformas, redes e atores em relação

Anderson Lopes da Silva¹
Issaaf Santos Karhawi²

Ao pensar na impossibilidade de separação das vivências e experiências performadas no universo “virtual” e “real”, o dossiê **Jornalismo e Comunicação Digital: plataformas, redes e atores em relação** coloca em destaque a necessidade de compreender em profundidade o *continuum* entre o *on* e o *off* nas práticas comunicacionais e jornalísticas da contemporaneidade. Ainda, endossa a condição de centralidade do digital para as pesquisas em comunicação, como aponta Saad-Corrêa (2020), e o enraizamento das tecnologias nos sistemas, dispositivos, instituições e sociabilidades. Logo, pensar as conexões entre o campo do jornalismo e da comunicação digital passa invariavelmente por compreender os múltiplos papéis que as plataformas, as redes e os atores sociopolíticos engendram nessa complexa relação. Seja pela via da reflexão acerca

1

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP) e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Comunicação, Cultura e Arte pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Faculdade do Norte Novo de Apucarana (FACNOPAR). Atuou como professor e coordenador da pós-graduação [lato sensu] em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais, no Centro Universitário Senac (Unidade Senac Lapa Scipião). É pesquisador do NEFICS (Núcleo de Estudos em Ficção Seriada e Audiovisualidades, da UFPR/CNPq) e do GELiDis (Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação, da USP/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-4865-4201>. E-mail: anderlopps@gmail.com.

² Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Graduiu-se em jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atua como pesquisadora no grupo de pesquisa COM+ e como docente no curso de pós-graduação [lato sensu] em Mídia, Informação e Cultura do CELACC, ambos na ECA-USP. É autora do livro "De blogueira a influenciadora: etapas de profissionalização da blogosfera de moda brasileira", publicado pela Editora Sulina, na coleção Cibercultura (2020). Atualmente, é bolsista de pós-doutorado do CNPq com estágio na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, onde também integra o Laboratório de pesquisa Cultpop. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9907-0129>. E-mail: issaaf@gmail.com.

dos modelos de negócio e inovação digital no jornalismo (Lopezosa et al., 2021), seja por um olhar mais pautado nas questões políticas de independência e institucionalização do jornalismo digital (Ganter & Paulino, 2020), ou ainda por tantos outros ângulos, certo é que o campo ainda tem muito a debater.

Tal qual já nos adiantam Steensen e Westlund (2021), o estudo do jornalismo digital supera a visão simplista e mesmo reducionista de que seu foco de análise esteja somente voltado a um tipo de jornalismo produzido, distribuído e consumido com o auxílio das tecnologias digitais. “Em vez disso, o campo acadêmico dos estudos de jornalismo digital é construído sobre questões que perturbam muito do que antes era dado como certo em relação à mídia, ao jornalismo e às esferas públicas [...]”, afirmam Steensen e Westlund (2021). Por isso, ainda mais em tempos de contínua aceleração nos modos de produção, circulação e consumo jornalístico, torna-se essencial refletir acerca dos impactos e das apropriações midiáticas, de novas práticas profissionais e de competências comunicacionais que acabam por ser atravessadas pelo digital. Mais além, também se faz necessário discutir como a digitalização ressignifica e reconstrói não somente os processos da construção jornalística, como também a compreensão da própria conformação de redes e plataformas em seus aspectos técnico-maquínicos.

Por isso, nesta edição da “Pauta Geral - Estudos em Jornalismo”, postulamos a urgência de um pensamento que entenda as temporalidades no contexto digital por outra chave de leitura: a da contraditoriedade intrínseca. Posto de outro modo, pensar as temporalidades no contexto da produção e consumo jornalístico em rede é algo que enseja o debate sobre como, de acordo com Alonso Enguita (2019, p. 12), a “[...] era digital traz consigo uma esquizofrenia poucas vezes percebida, uma dupla realidade que funciona com regras assonantes [...]”. Ou seja, regras que podem soar como constituídas sob uma pretensa harmonia, mas que, ao fim, trazem um papel dúbio sobre a questão dos controles de consumo por parte dos usuários de plataformas: ao mesmo tempo em que o sujeito controla o seu fluxo de assistência, consumo e interação escolhendo o que experimentar no seu tempo e ritmo; ainda assim, questões como o processo de construção algorítmica do consumo baseados na recomendação e aprendizagem máquina do gosto personalizado apontam as contraditoriedades intrínsecas da ambivalência entre quem controla e quem é controlado.

Assim, no entremeio dialógico das plataformas, redes e atores sociais, torna-se necessário observar como os protocolos de cooperação entre máquina e homem começam a dar o tom do que Alonso Enguita (2019, p. 233) chama de possibilidade de uma definição do tempo digital que é fundada, essencialmente, nos regimes de interação presentes na interface digital. Por meio das novas disputas e mesmo rupturas de sentido provocadas pelo digital, é premente a decisão de olhar a nossa comunicação com um viés crítico e nunca descolado dos múltiplos contextos socioculturais e político-econômicos que originam tais práticas midiáticas. Conforme Alonso Enguita (2019, p. 244) ressalta: “Temos o tempo, portanto, que não é círculo e nem linha e nem dobra; o tempo digital que é fractal: é como um bando de estorninho em frenético movimento, ondas e pulsos a criar outros fractais [...]”.

Acerca do processo editorial enquanto uma prática extremamente desafiadora em tempos de pandemia e, com igual intensidade, também um momento prazeroso de descoberta e diálogo entre os pares, vale ressaltar a nossa preocupação com a diversidade de vozes e olhares durante as rodadas avaliativas do dossiê. Fizemos questão de que nossas e nossos pareceristas tivessem equidade regional, já que contamos com avaliadores de todas as cinco regiões do Brasil provenientes de universidades públicas e privadas de reconhecida atuação. Muito mais do que um olhar plural, conseguimos com que todas e todos os pareceristas pudessem expressar análises, interpretações, sugestões e correções que escapassem à centralidade do debate acadêmico pura e tão somente localizado no eixo Sul-Sudeste.

No que tange à equidade de gênero, temos o orgulho de dizer que o dossiê foi composto por artigos e ensaios relevantes que trazem a autoria de seis pesquisadoras e sete pesquisadores provenientes de instituições nacionais e internacionais como Curtin University (Austrália), Universidade Federal do Maranhão (São Luís e Imperatriz), Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Tocantins, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Ceará, Faculdade Cásper Líbero, Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Universidade Estadual de Ponta Grossa. Na seção de resenha e entrevista, pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade de São Paulo completam a diversa rede de autorias desta edição.

Abrindo as discussões do presente dossiê, temos como convidada internacional a pesquisadora Crystal Abidin, da Curtin University (Austrália). Natural de Singapura, ela é doutora em Ciências Sociais pela University of Western Australia e uma prestigiada

investigadora nas áreas interdisciplinares da Antropologia, Sociologia, Comunicação e Estudos de Mídia. Crystal Abidin é uma das principais referências nas pesquisas sobre influenciadores digitais e celebridades da internet e, em 2020, fundou a rede de pesquisa *The TikTok Cultures Research Network* com pesquisadores do mundo todo, incluindo o Brasil. Com seu artigo *Mapeando celebridades da Internet no TikTok: explorando economias da atenção e trabalhos de visibilidade*, a autora procura trazer ao debate acadêmico lusófono questões como aspectos de viralidade da rede, particularidades da fama no TikTok, memes de áudio, expertises técnicas dos TikTokers, discussões sobre justiça social na plataforma, embates em torno dos direitos autorais das danças e dos áudios e, por fim, os abalos trazidos pelo TikTok para redes consolidadas como o Instagram e o mercado de influência, de maneira geral. O texto coloca-se como sólida referência para compreender as dinâmicas no TikTok tanto para pesquisadores que já se debruçam sobre a plataforma quanto para aqueles que iniciam agora o desbravamento da rede.

Por sua vez, *Informação, confiança e crise: há um futuro possível?* é produzido por Ramon Bezerra Costa e Larissa Leda F. Rocha e procura pavimentar o caminho das discussões propriamente envolvidas na área jornalística e suas conexões com o digital. O ensaio teórico parte do pressuposto de que a confiança, para além de um mero elemento de base à existência da sociedade, é também um processo que se constrói por meio da troca de informações. Dessa forma, os autores tentam postular a necessidade de mudanças nas crenças e valores que orientam as dinâmicas de construção da confiança dentro do campo jornalístico. Com igual importância, Adalton dos Anjos Fonseca procura apresentar o cenário da tomada de decisões e as dinâmicas atencionais no artigo *Regimes de atenção no jornalismo digital e suas consequências nos processos produtivos*. Dessa forma, mobilizando a pesquisa bibliográfica em torno do assunto, Fonseca chega a três importantes regimes de atenção no jornalismo digital: a atenção fragmentada, a multitenção e a imersão.

Na sequência, *Da crise à mediação qualificada: apontamentos a partir da #VazaJato como cibercontecimento jornalístico*, de Felipe Moura de Oliveira, procura demonstrar como veículos como “Folha de S. Paulo”, “Veja” e “The Intercept Brasil” moldaram seus discursos sobre a hipótese jornalística de que o devido processo legal não fora cumprido na operação Lava Jato. Tomando a linguagem como lugar epistêmico de afetações, o autor traça seu pensamento de modo a indicar que, possivelmente, esteja em curso um

movimento de defesa de uma mediação qualificada do jornalismo frente à realidade caótica dos acontecimentos no espaço público do país.

Já em *WhatsApp na rotina de trabalho dos jornalistas maranhenses: um estudo nas redações de Imperatriz*, as pesquisadoras Thaisa Cristina Bueno, Thays Assunção e Lorena Lacerda observam como o uso diário e constante do aplicativo de mensagens por jornalistas da segunda maior cidade do Maranhão pode ser visto como uma forma de camuflar as condições precárias de trabalho dentro dos jornais com redações mais reduzidas. Por meio do trabalho *As apropriações das redes sociais no processo de interação com a audiência no radiojornalismo esportivo: a experiência das emissoras de Fortaleza*, Edgard Patrício e Bruno Balacó dão continuidade aos estudos da área ao centrar a reflexão no contexto do rádio expandido e das ferramentas incorporadas pelas rádios informativas (como o Facebook) na realização de transmissões ao vivo.

Com um olhar voltado aos liames que conectam as esferas da produção e recepção, o artigo *Entre o interesse público e o interesse da audiência: um estudo do portal aRede*, de autoria de Afonso Ferreira Verner e Cintia Xavier, traz o debate sobre os valores-notícias que guiam a produção do mencionado portal e discute os conteúdos mais acessados que acabam por dialogar mais com a ideia de “interesse do público” do que necessariamente com a perspectiva de interesse público.

Ao propor uma leitura mais intimista e mesmo pessoalizada da prática acadêmica em tempos pandêmicos, Luis Mauro Sá Martino oferece uma visão sobre sua experiência docente em *Uma aula teórica online: um olhar microssociológico sobre uma vivência no ensino de jornalismo*. Interessado em pensar sobre as mudanças às quais o ensino remoto se viu obrigado a adotar, o autor aponta uma alteração no ritmo das aulas (que muda os laços entre professores e alunos, e entre os próprios ex-alunos), a confusão frequente entre as fronteiras do “privado” e “público” a partir do *home office* e como a dinâmica da classe é reconfigurada à medida que os atributos de interação da plataforma clamam por autorreferência.

Caminhando já em direção ao fechamento do dossiê, Marcelo Barcelos resenha a obra “Jornalismo e Plataformização: Abordagens Investigativas Contemporâneas” (2021), organizada por Raquel Ritter Longhi, Stefanie Carlan da Silveira e Rita Paulino. Intitulada *É hora de negociar, francamente, com a plataformização do Jornalismo*, a resenha de Barcelos destaca uma nova fase das pesquisas em jornalismo que não se atêm mais,

somente, às apropriações das mídias sociais digitais feitas pelos veículos jornalísticos. A obra e a resenha marcam uma discussão sobre os impactos das plataformas na conformação do jornalismo, da opinião pública, das práticas profissionais. Uma bem-vinda discussão sociotécnica do digital.

Por fim, Alvaro Leme brinda o leitor com *Pioneirismo e inovação digital: uma entrevista com Beth Saad*, na qual a renomada pesquisadora da ECA-USP rememora sua trajetória de pesquisa, ensino e diálogo entre a academia e o mercado, sem deixar de lado, também, uma relevante proposição: não é mais possível pensar a comunicação à parte do digital. Segundo Saad: “Hoje, todos os processos de comunicação, quando a gente pensa na forma de produzir e distribuir conteúdo, dificilmente se dão fora de algum suporte digitalizado. Se alguém vai redigir uma reportagem, não recorrerá às máquinas de escrever, por exemplo. Só o fato de ocorrer essa migração para suportes digitais já configura uma transformação no processo”.

Registramos aqui o nosso sincero e afetuoso agradecimento a todos os pesquisadores e pesquisadoras que colaboram com este dossiê por meio de artigos, ensaios, resenha e entrevista. Igual e respeitosamente, estendemos a gratidão ao conjunto de pareceristas que, gentilmente, pausaram suas já sobrecarregadas atividades profissionais para dedicar um tempo de qualidade à leitura crítica e à avaliação rigorosa dos trabalhos submetidos. À equipe editorial da revista “Pauta Geral – Estudos em Jornalismo” deixamos também o nosso muito obrigado pelo convite, parceria e trabalho árduo na construção desse número. Em um país onde a pesquisa e a ciência são desvalorizadas de modo ininterrupto e sistematizado pelo inominável governo, poder contar com a participação ativa de tantos investigadores reforça não apenas a alta qualidade do debate, mas, acima de tudo, a potência e a resistência que nos acompanha no labor acadêmico. Aos leitores e leitoras que se somam às discussões do nosso dossiê, desejamos uma excelente leitura - seja ela acompanhada do silêncio que rememora aos dias nostálgicos onde sequer existia o já clássico barulhinho de conexão da internet discada; seja ela embalada, ao fundo, pelo som animado dos vídeos, dublagens e dancinhas dos aplicativos que agora já fazem parte direta ou indiretamente de nossas vidas.

Referências bibliográficas

ALONSO ENGUITA, Adrián. **El tiempo digital**: comprendiendo los órdenes temporales. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2019.

GANTER, Sarah Anne; PAULINO, Fernando Oliveira. Between Attack and Resilience: The Ongoing Institutionalization of Independent Digital Journalism in Brazil. **Digital Journalism**, 2020, pp. 235-254.

LOPEZOSA, Carlos et al. Journalistic innovation: How new formats of digital journalism are perceived in the academic literature. **Journalism**, 2021, pp. 1–18.

SAAD-CORRÊA, Elizabeth. **Caminhos da comunicação: tendências e reflexões sobre o digital**. Curitiba: Appris, 2020.

STEENSEN, Steen; WESTLUND, Oscar. **What is digital journalism studies?** New York: Routledge, 2021.